

Instituto de Desenvolvimento  
Sustentável Mamirauá



# Macaqueiro

Ano XVIII | Nº 81 | Set/Dez de 2018 | Tefé (AM) | Brasil | ISSN 2317-4587



## JURUÁ

Expedição ao Baixo Rio Juruá,  
na Amazônia, coleta enorme  
quantidade de dados sobre a região,  
ainda pouco conhecida pela ciência

## CURTAS

Entre os destaques, saiba como foi o resgate de um boto cor-de-rosa e um estudo premiado sobre o macaco uacari

03

## PRODUÇÃO

Conheça algumas das últimas produções técnicas e científicas do Instituto Mamirauá

04

## OPINIÃO

Em pauta: Birdwatching

05

## MEMÓRIA

20 anos de manejo de pirarucu

06

## PALAVRA DE ESPECIALISTA

Tesouros conservados da arqueologia amazônica

07

## REPORTAGEM ESPECIAL

Expedição Baixo Juruá

08 a 12

## NOTÍCIA

Instituto Mamirauá é vencedor do Prêmio José Reis – edição 2018

13 a 15

## FOTOGRAFIA

Foto Expedição Baixo Juruá

16

O Macaqueiro é uma publicação do Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, organização social e unidade de pesquisa fomentada e supervisionada pelo Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações. Distribuição gratuita. Jornalista responsável: Eunice Venturi (SC01964-JP). Edição: João Cunha. Revisão: Ana Paula Martins. Textos: João Cunha e Bernardo Oliveira. Diagramação: Doizum Comunicações. Tiragem: 1.100 exemplares. Contatos: Estrada do Bexiga, 2.584. Cx. Postal: 38 - CEP: 69.553-225. Tefé (AM) / Tel.+55 (97) 3343-9780 / (97) 99169-2141 – [ascom@mamiraua.org.br](mailto:ascom@mamiraua.org.br) – [www.mamiraua.org.br](http://www.mamiraua.org.br).

# Editorial

Esta edição de “O Macaqueiro” te leva a uma viagem por uma região pouco revelada da Amazônia: as terras do baixo curso do rio Juruá. Conheça uma porção dos 3.000 quilômetros por onde corre esse grande afluente do rio Amazonas, que nasce no Peru e passa por dois estados brasileiros. Foi lá, na Reserva Extrativista do Baixo Juruá, que nossos pesquisadores – em parceria com o ICMBio e outros destacados centros de pesquisa – foram estudar a biodiversidade, as atuais ocupações humanas e a riqueza arqueológica do território. Foram dias cheios de descobertas e aventuras, que trazemos para o leitor em nossa reportagem especial.

Fique por dentro, também, dos nossos lançamentos recentes, como o livro “O gigante amazônico: manejo sustentável de pirarucu”, que resume os 20 anos do manejo e conservação do maior peixe de água doce do mundo (para saber mais sobre essa história, leia o texto na seção “Memória”). Na internet, confira nossas novas webséries que mostram como são feitas as pesquisas em ecologia e o manejo florestal em matas de várzea da Amazônia.

Para os fãs de birdwatching (ou observação de aves, em bom português), temos um artigo escrito por Pedro Nassar, do Programa de Turismo de Base Comunitária do Instituto Mamirauá, que dá dicas para quem quer começar a investigar o fascinante mundo das aves.

E temos a alegria de anunciar que somos vencedores do Prêmio José Reis 2018! A premiação, organizada pelo CNPq, é uma das mais importantes no campo da divulgação científica no Brasil. Publicações, como “O Macaqueiro”, fazem orgulhosamente parte dessa história de comunicação de ciência feita pelo Instituto Mamirauá. Em novembro, também fomos eleitos uma das 100 melhores ONGs do país, pelo guia “Melhores ONGs”.

Boa leitura!

**João Cunha**

*Jornalista*

## Instituto Mamirauá tem novo diretor-geral

João Valsecchi do Amaral é o novo diretor-geral do instituto. O pesquisador assumiu o cargo para um mandato de quatro anos, em cerimônia realizada no dia 28 de setembro, em Tefé (AM). É graduado em Ciências Biológicas e da Saúde (2000), mestre em Zoologia (2005) e doutor pela Universidade Federal de Minas Gerais (2012). É pesquisador titular da área de ecologia de vertebrados e atua no Instituto Mamirauá desde 2001. Já exerceu os cargos de coordenador de monitoramento e, desde 2011, respondia pela Diretoria Técnico-Científica, posto acumulado juntamente à liderança do Grupo de Pesquisa em Ecologia de Vertebrados Terrestres. Também houve mudanças nas diretorias adjuntas. O pesquisador Emiliano Esterci Ramalho assumiu a Diretoria Técnico-Científica; e a socióloga Dávila Corrêa, a Diretoria de Manejo de Desenvolvimento.



© João Cunha

## Boto cor-de-rosa salvo

Uma equipe do Instituto Mamirauá resgatou uma fêmea de boto-vermelho, conhecido na região como boto cor-de-rosa, presa em uma rede de pesca no início de agosto, no lago Jutá, estado do Amazonas. Uma das pesquisadoras registrou o momento em que o boto foi desenrolado da rede e solto. O Instituto Mamirauá realiza trabalhos periódicos para a conservação de golfinhos de rio na Amazônia. “É fundamental informar aos pescadores o que pode ser feito em caso de emalhe, para evitar a mortalidade dos botos. Educar, conscientizar e informar são pilares para conseguirmos o apoio daqueles que estão lá no dia a dia da pesca”, afirma a pesquisadora Daiane da Rosa.



© Thayara Carrasco

## Pesquisa com macaco uacari é premiada

Donos de corpos peludos e caudas curtas, os uacaris chamam atenção pelo visual. Habitantes de porções da Amazônia, ainda pouco se sabe sobre esse gênero de macaco, conhecido cientificamente como Cacajao. Um estudo recente conduzido por Felipe Ennes, pesquisador associado do Instituto Mamirauá, traz novas perspectivas sobre a gênese desses curiosos primatas. O trabalho foi premiado com menção honrosa no XXVII Congresso da Sociedade Internacional de Primatologia, realizado em Nairóbi, Quênia, em agosto. As coletas biológicas para a pesquisa foram desenvolvidas com apoio da Fundação Gordon and Betty Moore.



© Amanda Lellis

## Melhores ONGs do Brasil

O anúncio dos vencedores do guia “Melhores ONGs” 2018, em novembro, destacou o Instituto Mamirauá como uma das melhores organizações não-governamentais (ONGs) do Brasil. Transparência, planejamento e excelência na gestão foram critérios avaliados pela premiação, organizada pelo Instituto Doar, pela Rede Filantropia e pela consultoria Mundo Que Queremos. Para conhecer mais sobre o Instituto Mamirauá e doar para a instituição, acesse [mamiraua.org.br/doe](http://mamiraua.org.br/doe).



© Divulgação Melhores ONGs

# Conheça algumas das publicações recentes do Instituto Mamirauá.

## Gigante amazônico

Para comemorar os 20 anos de manejo de pirarucu na Amazônia, completados em 2018, o Instituto Mamirauá lançou o livro “O gigante amazônico: manejo sustentável de pirarucu”. A publicação conta, por meio de textos e imagens, a história de conservação do maior peixe de água doce do mundo: o pirarucu. Com assessoria e incentivo do instituto, o manejo da espécie ajudou a recuperar as populações do peixe em regiões da Amazônia, além de oferecer uma alternativa de renda para as comunidades locais. Confira a versão digital do livro, disponível no site do Instituto Mamirauá: [www.mamiraua.org.br/livro-gigante](http://www.mamiraua.org.br/livro-gigante)

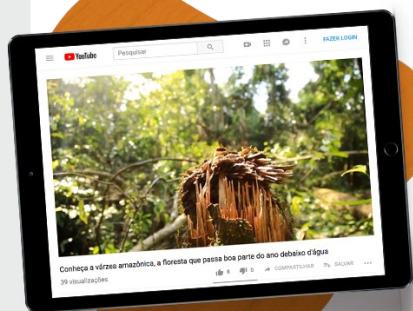
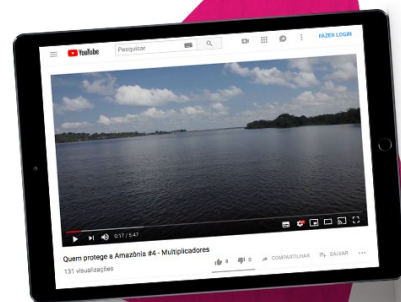


## Boas práticas com o pirarucu

Para chegar ao consumidor com qualidade e segurança, a carne do pirarucu precisa de cuidados especiais de higiene e de conservação. Lançada pelo Instituto Mamirauá, a cartilha “Boas Práticas de Manipulação do Pirarucu” é um guia para quem trabalha com o maior peixe de água doce do planeta. A publicação gratuita dá dicas sobre o trato adequado do pirarucu, da pesca ao pré-beneficiamento do pescado. Confira a versão digital da cartilha, disponível no site do Instituto Mamirauá: [www.mamiraua.org.br/cartilha-boaspraticas-pirarucu](http://www.mamiraua.org.br/cartilha-boaspraticas-pirarucu)

## Quem protege a Amazônia

Na Reserva Mamirauá, estado do Amazonas, o manejo florestal é feito, há vinte anos, com sucesso na parceria entre economia, ciência e proteção do meio ambiente. Os resultados mostram que é possível conduzir a extração de madeira em vias sustentáveis e que não destruam a floresta usando técnica, planejamento e com envolvimento direto de populações locais. Assista à websérie “Quem protege a Amazônia” e conheça um pouco dessa história. Os quatro episódios da série estão no canal do Instituto Mamirauá no Youtube: [youtube.com/institutomamiraua](http://youtube.com/institutomamiraua)



## Extraordinária várzea

Você sabe o que é várzea? Para a maioria, ela é sinônimo de futebol amador, praticado em campinhos Brasil a fora. Mas, para muitas populações que vivem na Amazônia, várzea é floresta, lar, lugar onde a natureza opera as maiores transformações. Esse ecossistema fascinante e ainda pouco conhecido é o tema da nova websérie do Instituto Mamirauá: “Extraordinária várzea”. A produção pode ser vista no canal do Youtube do Instituto Mamirauá: [youtube.com/institutomamiraua](http://youtube.com/institutomamiraua)

Para conhecer essas e outras publicações, acesse o site do Instituto Mamirauá em: [www.mamiraua.org.br](http://www.mamiraua.org.br)



# Em pauta: *Birdwatching*

Vamos usar o termo em português “observar aves”. Embora a maioria dos observadores de aves seja estrangeira, vamos conversar entre nós, com as nossas palavras.

Observar aves é uma atividade relativamente simples. O que importa é afiar o olhar, aguçar os ouvidos e sair de casa, afinal, as aves estão em quase todos os lugares. O seu quintal pode ser um lugar maravilhoso para essa prática. A praça do bairro também. Mas, claro, dá para começar a se especializar e voar mais alto.

O primeiro equipamento para se tornar um observador mais “profissional” é o binóculo. Ele faz maravilhas. Traz a ave para perto, possibilita ver detalhes e as cores se tornam mais nítidas. É como olhar para o bicho na visão de um super-herói. Outra ferramenta legal é a câmera fotográfica. As câmeras costumam ter algumas desvantagens em relação ao binóculo: são mais pesadas, mais difíceis de manusear, mais sensíveis e não aproximam tanto. A vantagem é possibilitar guardar o registro para a posteridade. Todavia, se possível,

leve os dois sempre que der.

Interessante, também, e muito simples, é fazer uma lista de espécies observadas. Basta um bloco de notas e um lápis. Assim, é possível contabilizar todas as espécies que já viu, inclusive, as novidades.

Saindo do quintal, do bairro, as melhores chances de encontrar novas espécies estão em áreas protegidas, conservadas, com sua vegetação original. Embora tenham muitas áreas interessantes espalhadas por aí, o destaque fica por conta das unidades de conservação. E, aqui, a gente percebe como observar aves e ecoturismo estão muito relacionados.

O turismo de observação de aves é um segmento muito forte no mundo. Milhões de pessoas viajam, anualmente, dentro e fora do seu país, para observar aves. Muitas vezes, saem à procura dos lugares mais conservados, onde a possibilidade de encontro com uma diversidade e riqueza de espécies é maior. As unidades de conservação são um prato cheio para isso. E a Amazônia é a “menina dos olhos” do mundo “passarinheiro”.

O Programa de Turismo de Base Comunitária (PTBC) do Instituto Mamirauá considera a observação de aves como uma interessante e importante atividade a ser realizada na região. Além de sua beleza e mágica, o birdwatching movimenta muito dinheiro, podendo ser uma renda extra para as comunidades locais. Trabalhando, principalmente, com três unidades de conservação próximas à cidade de Tefé, no Amazonas, o PTBC divulga a observação de aves a fim de trazer mais visitantes com esse intuito.

Separadamente, as Reservas Mamirauá e Amanã e a Floresta Nacional de Tefé têm grande potencial para observação de aves. Tanto pela variedade de ecossistemas e ambientes, como pela quantidade e singularidade das espécies. Um dos objetivos da iniciativa é consolidar um pacote turístico que inclua as três regiões. Assim, o turista poderá conhecer lindos locais, colaborar com as comunidades e observar um grande número de aves, sem precisar se deslocar muito.

“Observar aves é uma atividade relativamente simples. O que importa é afiar o olhar, aguçar os ouvidos e sair de casa, afinal, as aves estão em quase todos os lugares.”

Pedro Nassar

COORDENADOR DO PROGRAMA DE TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA DO INSTITUTO MAMIRAUÁ



O pirarucu é símbolo de fartura nos rios e lagos da Amazônia

## 20 anos de manejo de pirarucu - queda e ascensão do gigante amazônico

Por João Cunha

O pirarucu é símbolo de fartura nos rios e lagos da Amazônia. O maior peixe de água doce do mundo não é nada menos do que colossal: comprimento que pode atingir 3 metros e peso que dizem chegar aos 200kg. Da grande cabeça óssea à cauda de escamas vermelhas, não existe traço do pirarucu que passe despercebido. Tanta abundância está sob ameaça, com a expansão desregulada da pesca comercial. Na contramão das atividades predatórias, o manejo da espécie – praticado há 20 anos no estado do Amazonas, com assessoria do Instituto Mamirauá – aponta um caminho sustentável, equilibrando a relação economia x conservação.

Tudo começou no território hoje conhecido como Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, localizado a cerca de 600km de Manaus. A partir da década de 1960, o crescimento de grandes centros urbanos, como a capital do estado, impulsionou a demanda por peixes, impactando as águas de Mamirauá. Barcos e mais barcos vindos de todos os cantos aportavam na região, saindo lotados de pescado.

O pirarucu, muito valorizado na alimentação amazônica, foi um dos principais focos da pesca em larga

escala. As populações do peixe sentiram a pressão e minguaram, em quantidade e dimensões. “Uma vez que a taxa de retirada pela pesca apresentava-se maior do que a capacidade de resiliência da espécie, o tamanho médio dos peixes capturados e comercializados nos mercados começou a diminuir, o que é um indicativo de sobre-exploração do recurso”, conta Ana Cláudia Torres, coordenadora do Programa de Manejo de Pesca do Instituto Mamirauá. O pirarucu corria risco de desaparecer naquela parte da Amazônia.

Aos poucos, iniciativas ambientais e de ciência surgiram, na tentativa de reverter esse cenário. No final dos anos 1980, o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), estabeleceu o tamanho mínimo para captura da espécie (150cm) e um período de ‘defeso’, quando a pesca é proibida para a reprodução dos pirarucus, de 1º de dezembro a 31 de maio.

No início dos anos 1990, começaram os primeiros estudos profundos sobre a ecologia e biologia do pirarucu em Mamirauá. Em 1996, no Amazonas, a pesca e a venda de pirarucus foi proibida pelo Ibama, com exceção de sistemas de criação

em cativeiro ou do manejo feito em áreas protegidas.

As primeiras experiências práticas de manejo de pirarucu aconteceram na Reserva Mamirauá, em 1998. Integrando os conhecimentos técnicos e científicos com o saber popular das pescadoras e pescadores locais, o Instituto Mamirauá criou uma metodologia de manejo comunitário da espécie. Com cuidado, paciência e resultados graduais, os pirarucus voltaram a habitar em abundância os rios e lagos da região e estão em uma situação estável de conservação.

Atualmente, existem 12 sistemas de manejo de pirarucu, que envolvem 43 comunidades ribeirinhas nas Reservas Mamirauá e Amanã, além dos grupos de pescadores de colônias e sindicatos de pescadores de municípios amazonenses vizinhos das reservas: Tefé, Alvarães e Maraã. O rendimento da pesca sustentável local foi de R\$2.765.618,90, em 2017.

O manejo sustentável de pirarucu atravessou fronteiras. É um modelo de conservação e geração de renda que foi multiplicado em outros estados do Norte do país, como Acre, Pará e Tocantins, e em países da Pan Amazônia, entre eles, Colômbia e Peru.

# Tesouros conservados da arqueologia amazônica

Por João Cunha

O Laboratório de Arqueologia do Instituto Mamirauá reúne um acervo de centenas de peças do passado da Amazônia, entre fragmentos cerâmicos, urnas funerárias e restos orgânicos de plantas e frutos. Todo esse patrimônio material ajuda os cientistas na busca por entender a complexidade das populações que habitaram a região centenas e milhares de anos atrás, antes da colonização europeia.

Para manter todas essas relíquias em estado ideal de conservação, é fundamental a experiência de pessoas como Silvia Cunha Lima, pesquisadora do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP e associada do Instituto Mamirauá, arqueóloga e especialista em conservação e restauro de material cerâmico e lítico. Recentemente, Silvia esteve na sede da entidade, em Tefé, no Amazonas, para cuidar de mudanças na estrutura da coleção arqueológica. Conheça, a seguir, um pouco do que ela faz:

**O Macaqueiro: A reserva técnica do Instituto Mamirauá, que guarda o acervo de Arqueologia, está**

**passando por reestruturações. O que tem sido feito?**

Como o Laboratório de Arqueologia mudou para um prédio novo, temos a preocupação de aparelhar e equipar a área de reserva técnica do material arqueológico. Elaboramos um plano de diagramação da sala e de mobiliário, porque a reserva técnica do Instituto Mamirauá também tem uma função expositiva, o público pode visitá-la, o que é importante. Então, pensamos em como conciliar esses objetivos. Há, também, a climatização, que quando queremos um ambiente com temperatura estável na Amazônia, é sempre complicado.

**O Macaqueiro: A restauração de peças arqueológicas é outra linha importante do seu trabalho. Quais peças estão sob esse processo no momento?**

Eu trabalhei com as urnas antropomorfas [com representações humanas] encontradas na comunidade Tauary [no estado do Amazonas]. É um material exuberante, pelo achado em si e pela qualidade da cerâmica, pela

policromia, mas que tem uma fragilidade de grande. Demos prosseguimento às atividades com caráter preventivo nas peças. Também estou fazendo um mapeamento digital das urnas, para que possamos monitorar a conservação delas ao longo do tempo.

**O Macaqueiro: As urnas Tauary têm uma grande quantidade de detalhes e ornamentos. O que mais você pode falar sobre o restauro desse patrimônio?**

É impressionante, porque são urnas muito pintadas, muito bonitas, encontradas in situ, no lugarzinho em que foram depositadas. Temos dois conjuntos de urnas que vieram do Tauary [depois da entrevista, pesquisadores do Instituto Mamirauá escavaram mais nove urnas na região] e, com base na datação das cerâmicas, a idade estimada delas é de 1460 a 1670 d.C.. A maior parte dessas urnas estava fragmentada, elas foram remontadas aqui no Instituto Mamirauá.

**O Macaqueiro: Como se dá a parceria com o Instituto Mamirauá e o trabalho de conservação e restauro do acervo arqueológico em longo prazo?**

Eu venho ao Instituto Mamirauá e à região desde 2007. Ao longo desses anos, toda vez que eu estou aqui, damos andamento às atividades de curadoria e restauro. Não são restauros estéticos, no sentido de reconstruir peças que faltam ou reintegração pictórica, os restauros sempre têm como finalidade a pesquisa. Temos uma série de materiais que já estão lavados e prontos para serem remontados, agora precisamos pensar em temporadas de restauro e espaço para guarda. É mais fácil guardar fragmentos em um engradado do que uma vasilha montada, por exemplo. E essas vasilhas, em geral, têm em torno de 150 a 300 fragmentos, o que leva um tempo.



© João Cunha

A arqueóloga Silvia Cunha Lima, em trabalho de restauração no acervo do Instituto Mamirauá

# EXPEDIÇÃO BAIXO RIO JURUÁ

Aves, roedores, peixes, borboletas e cerâmicas centenárias: grande expedição multidisciplinar ao Baixo Rio Juruá, na Amazônia, coleta enorme quantidade de dados sobre a região, ainda pouco conhecida pela ciência

Por João Cunha e Bernardo Oliveira, fotos de Leonardo Lopes

Fazer ciência é, também, um ato de viajar, deslocar-se fisicamente e observar, em primeira mão, as coisas e os seres “nos próprios lugares onde a natureza os colocou”. Rodar o mundo expandindo os limites da compreensão humana movia naturalistas que, entre os séculos XVI e XX, empreenderam viagens exploratórias rumo ao que, então, era desconhecido. No Brasil, expedições proliferaram por todos os cantos, gerando contribuições essenciais para o que se sabe hoje sobre Botânica, Zoologia e diversas outras áreas do conhecimento. São dessa época nomes como Carl Von Matius, Henry Walter Bates, Paul Le Cointe, Emília Snethlage e Domingos Soares Ferreira Penna.

Com participação do Instituto Mamirauá, expedições estão percorrendo grandes territórios do bioma amazônico

© Leonardo Lopes



Corte para os tempos atuais. Quando as fronteiras do mistério parecem ter migrado para o espaço ou para as profundezas do oceano, ainda existe muito a se descobrir aqui na mata e nas águas da maior floresta tropical do planeta, tão famosa quanto é pouco entendida: a Amazônia. Com participação do Instituto Mamirauá, expedições contemporâneas percorrem, desde 2014, grandes territórios do bioma amazônico, em busca de conhecer melhor a biodiversidade e a riqueza social dos povos que habitam e já habitaram a região. Muito além da curiosidade científica, as jornadas

têm o propósito de conservação dos recursos naturais.

“Cinco anos atrás, fechamos um Termo de Reciprocidade com o Instituto Chico Mendes de Biodiversidade (ICMBio). A ideia é que o Instituto Mamirauá apoie a gestão das unidades de conservação realizando pesquisas e extensão. É importante, para a gestão, conhecer e proteger a biodiversidade dessas áreas e, depois, gerar medidas de conservação das espécies”, informa João Valsecchi, diretor-geral do Instituto Mamirauá e zoológico atuante nas expedições.

Além do Instituto Mamirauá,

outras importantes organizações da Amazônia atuam em rede nas viagens científicas para levantamentos biológicos, pesquisas de cunho sociológico e arqueológico e, posterior, análise dos dados, como Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa) e Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG). “Estamos falando de grupos multidisciplinares e multi-institucionais. Com os principais institutos de pesquisa da Amazônia envolvidos, conseguimos inventariar com refinamento e qualidade muito alta”, ressalta o pesquisador do Instituto Mamirauá e bolsista do CNPq, Ivan Junqueira.

© Leonardo Lopes

Nas bordas e sob lagos e furos de rio da região, foram feitas as coletas de peixes



## Rumo ao baixo Juruá

Em julho de 2018, os cientistas partiram, mais uma vez, em direção a um território pouco mapeado da Amazônia Ocidental: o baixo curso do rio Juruá. Importante afluente do gigante Amazonas, o rio Juruá nasce no Peru e transcorre pelos estados do Acre e do Amazonas. A última expedição científica de volume realizada na porção baixa do rio aconteceu nos anos 1990.

“Desde então, fomos a primeira

expedição de pesquisa a voltar lá e levantar dados sobre a diversidade natural. Conseguimos, inclusive, dados inéditos, nunca antes coletados, um bom complemento para o conhecimento da biodiversidade do centro-oeste amazônico como um todo. Associadas às últimas expedições que fizemos, essas são as mais importantes coletas na região nos últimos 20 anos”, aponta Ivan.

Mais de 20 pessoas, entre cientis-

tas, técnicos e assistentes de campo, divididas em dois grandes barcos de madeira. Essa foi a escalação da equipe que saiu da cidade de Tefé, no centro do Amazonas, rumo ao baixo Juruá, localizado a sudoeste do estado. Uma viagem de mais de 1.800 quilômetros, considerando os dois trechos.

O destino final foi a Reserva Extrativista (Resex) do Baixo Juruá, uma unidade de conservação com quase 190 mil hectares de extensão. “Foram



© Leonardo Lopes



© Leonardo Lopes

Em terra, pesquisadores percorriam quilômetros de trilhas na mata para observar e coletar espécimes de mamíferos de pequeno e médio portes, aves, répteis, anfíbios e borboletas

vinte dias de coleta efetiva e quatro dias de deslocamento (ida e volta). A área é uma das mais distantes que já fomos. Foram mais de 3 mil litros de combustível usados nos trajetos”, conta o pesquisador. “Íamos até um ponto-limite com o barco, parávamos e, então, seguíamos em voadeiras [barcos menores a motor]. De onde o barco estava parado até às áreas em que fizemos as coletas propriamente, era uma média de uma hora e meia de deslocamento por voadeira todos os dias”. (Veja ao lado alguns números curiosos da expedição).



## Em campo

Um time de especialistas de diferentes áreas se uniu para registrar informações múltiplas sobre o Baixo Juruá. “Pensadas originalmente para mamíferos somente, estendemos as ações de levantamento para outros grupos da biodiversidade. Contemplamos, assim, o levantamento de peixes, aves, mamíferos, répteis, anfíbios, além de plantas e borboletas”, enumera João Valsecchi.

Em terra, pesquisadores percorriam quilômetros de trilhas na mata para observar e coletar espécimes de mamíferos de pequeno e médio porte, aves, répteis, anfíbios e borboletas. Nas bordas e sob lagos e furos de rio da região, foram feitas as coletas de peixes.



Arqueólogos fizeram coletas de vestígios que ajudam a ampliar a visão sobre as ocupações humanas do presente e do passado

O destino final foi a Reserva Extrativista (Resex) do Baixo Juruá, uma unidade de conservação com quase 190 mil hectares de extensão

© Leonardo Lopes

© Leonardo Lopes



A Resex do Baixo Juruá foi a quinta área protegida inventariada por expedições do ICMBio em parceria com o Instituto Mamirauá

A pesquisadora do Inpa, Marina Maximiano, participou do levantamento da variedade de aves na região. “Somam-se à lista de espécies registradas algumas incomuns, como o tiranídeo Gaúcha-d’água (*Muscisaxicola fluviatilis*), típico de praias fluviais e que, geralmente, passa despercebido pelos observadores por possuir uma plumagem inconspícua, e o capitonídeo Capitão-de-bigode-limão (*Eubucco richardsoni*), típico de estratos florestais mais elevados. Os resultados para esse grupo indicam que a área apresenta uma avifauna bastante rica e diversa, ocupando uma grande heterogeneidade ambiental, o que evidencia a região como um importante local para potenciais estudos”, avalia.

“A diversidade que estamos encontrando é incrível! Em praticamente todos os grupos inventariados, temos novas ocorrências de espécies para a Amazônia brasileira. Temos três novas espécies de peixes e de pequenos mamíferos; há a possibilidade de encontrarmos bastante coisa daqui para frente”, revela o diretor-geral do Instituto Mamirauá.

No campo social, arqueólogos fizeram coletas de vestígios que ajudam a ampliar a visão sobre as ocupações humanas do presente e do passado. O processo de transição entre as diferentes populações humanas que habitaram as margens do rio Juruá ainda é obscuro. Até pouco tempo atrás, acreditava-se que a região seria pobre em ocupações humanas antigas. “Essa expedição ao baixo rio Juruá possibilitou encontrar 26 sítios arqueológicos. E isso é apenas uma fração do que tem realmente na área”, conta Márcio Amaral, pesquisador do Instituto Mamirauá que conduziu os estudos arqueológicos.

As pesquisas sugerem que, pelo menos, quatro ciclos antrópicos (diferentes comunidades humanas) aconteceram por lá. Além do padrão Pocó, foram encontradas cerâmicas de padrão hachurado zonado, da Tradição Polícroma da Amazônia, e cerâmicas caboclas temperadas com cinzas de caraipé ou carapaça de quelônios, que até hoje são produzidas na região, mas vêm perdendo espaço para objetos de alumínio ou plástico. Cada um desses estilos representa uma ocupação diferente.

“Hoje, é difícil ter viagens de pesquisa que sejam tão multidisciplinares, porque, no geral, você tem uma expedição isolada de mamíferos, outra de herpetologia, outra de aves. Expedições como essa geram uma porção enorme de dados para dar base a pesquisas de todos os tipos. Informações como diversidade, distribuição de espécies, zoonoses, aspectos sociais das comunidades nas áreas do entorno, questões antropológicas em geral, de pessoas que estiveram ali antes das pessoas que estão hoje”, comenta Ivan Junqueira.

A Resex do Baixo Juruá foi a quinta área protegida inventariada por expedições do ICMBio em parceria com o Instituto Mamirauá. Estão nessa lista as Reservas Extrativistas Jutai e Auati-Paraná e as Estações Ecológicas Jutai-Solimões e Juami-Japurá. Grande parte do material coletado está depositado na coleção biológica do Instituto Mamirauá ou sob análise em centros de pesquisa parceiros. Uma lista prévia de levantamento da fauna foi enviada ao ICMBio e já está em uso do órgão para a gestão das unidades de conservação do estado do Amazonas.



O pesquisador Helder Queiroz (à direita) recebe o Prêmio José Reis em nome do Instituto Mamirauá

# PRÊMIO JOSÉ REIS EDIÇÃO 2018 VAI PARA O INSTITUTO MAMIRAUÁ

Premiação do CNPq é uma das principais no campo da divulgação de ciência no país. O Instituto Mamirauá atua, há quase 20 anos, na Amazônia brasileira, com forte caráter de popularização do conhecimento

Por João Cunha

Depois de mais de 30 anos, a honraria concedida anualmente pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) volta à região Norte. A edição 2018 do Prêmio José Reis reconheceu um centro de pesquisa da Amazônia, o Instituto Mamirauá. A premia-

ção foi criada para destacar pessoas ou organizações que fazem divulgação científica e tecnológica no Brasil.

Por decisão unânime, a comissão julgadora do CNPq ressaltou “as ações do Instituto Mamirauá, que promove a inclusão social com protagonismo das comunidades locais ao

articular suas ações com essa população, além do caráter regional e internacional das iniciativas”.

O Instituto Mamirauá é a terceira unidade de pesquisa do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC) a ganhar o Prêmio José Reis. Já havia sido concedido

ao Museu Paraense Emílio Goeldi, em 1987, e ao Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF), em 2006.

“Para nós, receber o Prêmio José Reis trouxe muita satisfação e orgulho, porque já é um prêmio de muita reputação no Brasil, e realizamos ações de divulgação da ciência numa região que é particularmente desafiadora”, resume o pesquisador

do Instituto Mamirauá, Helder Lima de Queiroz.

Sediado no centro do estado do Amazonas, na cidade de Tefé, o Instituto Mamirauá é um dos maiores centros de pesquisa e conservação do bioma. A parceria com os moradores locais, em ações de manejo e desenvolvimento sustentável, é outra característica forte do instituto

que foi bem-conceituada pelos avaliadores da honraria. “O Prêmio José Reis é o reconhecimento de um esforço coletivo de comunicação. De pessoas envolvidas nas ações finalísticas do Instituto Mamirauá, mas também nas atividades de apoio”, afirma a jornalista Eunice Venturi, assessora de Comunicação do Instituto Mamirauá.

## Entrega do prêmio

O Prêmio José Reis foi entregue em julho durante a cerimônia de abertura da 70ª Reunião Anual da SBPC, em Maceió. Na ocasião, o ministro da Educação, Rossieli Soares, parabenizou o Instituto Mamirauá pela premiação e afirmou estar “muito feliz com o reconhecimento desse instituto que faz um trabalho importante nessa região magnífica que devemos conhecer, apoiar e preservar”.

“Em nosso aniversário de 70 anos, esse é o melhor presente que a SBPC pode ter, um prêmio para uma região que é esquecida pelo Brasil. Reconhecer o trabalho feito nessas comunidades tendo a ciência e, principalmente, a utilização da ci-

ência para mudar a vida das pessoas”, destacou a vice-presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), Vanderlan Bolzani.

### Na academia e na mídia

Além do prestígio no meio ambiental e acadêmico, por conta da intensa e relevante produção científica, nos últimos anos, o nome do Instituto Mamirauá tem ganhado a mídia brasileira e internacional. São divulgações sobre o dia a dia do campo, bastidores da pesquisa, resultados científicos e projetos de conservação da natureza, qualidade de vida e tecnologias sociais [confira alguns resultados ao lado].

### “Somos todos Prêmio José Reis”

Em Tefé, no Amazonas, a notícia do Prêmio José Reis foi comemorada com toda a comunidade do Instituto Mamirauá: pesquisadores, técnicos e funcionários da administração. Um modelo de caderno e uma placa comemorativa com uma foto de grande parte da equipe institucional foram produzidos especialmente para marcar a premiação.



O Prêmio José Reis foi comemorado com toda a comunidade do Instituto Mamirauá pesquisadores, técnicos e funcionários da administração (foto)

# OS PRINCIPAIS RESULTADOS DA DIVULGAÇÃO 2011 – 2017



## EVENTOS

Semana Nacional  
de Meio Ambiente

06  
municípios

58  
escolas

8.300  
estudantes

Semana Nacional de  
Ciência e Tecnologia

15.577  
participantes

38.000  
publicações distribuídas

Simpósio sobre Conservação e  
Manejo Participativa na Amazônia

1.380  
participantes

620  
trabalhos

Cursos de Multiplicadores

27  
cursos

599  
inscritos



**O MACAQUEIRO**  
(1999 A 2018)

81 edições



## RECONHECIMENTOS

Vencedor do Prêmio Fapeam  
de Jornalismo Científico 2015

Finalista do Prêmio Milton  
Cordeiro de Jornalismo 2015



## MÍDIAS SOCIAIS

Website

Média anual de  
400 mil acessos

Finalista do  
Prêmio Milton Cordeiro de Jornalismo 2013

Facebook

Engajamento na página  
7,95%

Média de outras páginas  
Entre 6% e 12%

Programa de Rádio  
“Ligado no Mamirauá”

Tempo de existência  
25 anos

Produção anual  
102 programas

Imprensa (2017)

4,75  
Média de notícias /dia

1,6  
notícias/dia em um  
veículo de grande/  
média audiência

34%  
notícias veiculadas  
no exterior

Mais um dia chega ao fim no Baixo Juruá, estado do Amazonas. O chapéu de palha, que protege do sol forte e da chuva, é um valioso aliado para os moradores locais e também para os pesquisadores que trabalharam nas matas e águas da região, em julho desse ano.

Curta o Instituto Mamirauá nas redes sociais:

  | InstitutoMamiraua

Endereço para devolução: Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá  
Estrada do Bexiga, 2.584 | Bairro Fonte Boa | Cx. Postal 38 69.553-225 | Tefé (AM)

GORDON AND BETTY  
**MOORE**  
FOUNDATION

MINISTÉRIO DA  
CIÊNCIA, TECNOLOGIA,  
INOVAÇÕES E COMUNICAÇÕES

